

## **O ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DO COCO BABAÇU NO TOCANTINS: BREVES PERSPECTIVAS CONCEITUAIS**

*Adão Emanuel Silva Rodrigues* (IFTO)

[adao.rodrigues2@estudante.ifto.edu.br](mailto:adao.rodrigues2@estudante.ifto.edu.br)

*Amanda Gissele de Sousa Silva* (IFTO)

[amanda.silva7@estudante.ifto.edu.br](mailto:amanda.silva7@estudante.ifto.edu.br)

*Paulo Hernandes Gonçalves da Silva* (IFTO)

[paulohg@ifto.edu.br](mailto:paulohg@ifto.edu.br)

### **RESUMO**

Este artigo evidencia perspectivas reflexivas e críticas sobre o Arranjo Produtivo Local do coco babaçu. Observa-se que muitos agentes são envolvidos nessa cadeia produtiva no norte do Estado do Tocantins, produzindo discursos distintos no processo de produção e sobrevivência. Objetivou-se analisar as perspectivas dessa cadeia produtiva tradicional, sob os vieses e olhares diferenciados dos povos indígenas apinayé, das quebradeiras de coco e da produção industrial, a saber: carvão e óleo vegetal. A metodologia se deu pela revisão bibliográfica, nas considerações conceituais e em recortes documentais de páginas institucionais oficiais. Dentre os resultados obtidos tem-se a confirmação da preocupação com o desenvolvimento sustentável e o incentivo ao extrativismo vegetal sem agressão aos territórios estudados.

#### **Palavras-chave:**

**Babaçu. Indústria. Povos tradicionais.**

### **ABSTRACT**

This article highlights reflective and critical perspectives on the Local Productive Arrangement of babaçu coconut. It is observed that many agents are involved in this productive chain in the north of the State of Tocantins, producing different discourses in the process of production and survival. The objective was to analyze the perspectives of this traditional production chain, under the biases and different perspectives of the Apinayé indigenous peoples, coconut breakers and industrial production, namely: charcoal and vegetable oil. The methodology was based on a bibliographical review, conceptual considerations and documentary clippings from official institutional pages. Among the results obtained, there is confirmation of the concern with sustainable development and the encouragement of plant extraction without aggression to the territories studied.

#### **Keywords:**

**Babaçu. Industry. Traditional people.**

### **1. Considerações iniciais**

As pesquisas que envolvem o Bico do Papagaio, microrregião do

norte do estado do Tocantins, e seus arranjos produtivos locais são bem desafiadoras e promissoras, considerando-se muitos assuntos de desenvolvimento regional a serem tratados. Segundo Cassiolato e Lastres (2009), determinada cadeia produtiva, quando concebida e percebida como um arranjo constitui-se, portanto, em importante fonte geradora de vantagens competitivas, principalmente quando estas são construídas a partir do enraizamento de capacidades produtivas e inovativas.

Desta forma, surgem os estudos sobre os Arranjos Produtivos Locais, que são aglomerações de empresas, associações, cooperativas, dentre outros, localizadas em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva e mantêm algum vínculo de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais tais como governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa (Cf. PARREIRA, 2007). E aqui foram observadas três perspectivas arranjo do coco babaçu: as quebradeiras, os indígenas e a indústria.

Portanto, os objetivos deste artigo se encaminham as conjecturas dessa cadeia produtiva tradicional, sob os vieses e olhares diferenciados dos povos indígenas Apinayé, das quebradeiras de coco e da produção industrial (carvão e óleo vegetal). Evidencia-se que muitos agentes são envolvidos nessa cadeia produtiva no norte do Estado do Tocantins, produzindo discursos distintos no processo de produção e sobrevivência.

Justifica-se neste artigo a análise das perspectivas conceituais dessa cadeia produtiva tradicional do norte tocaninense, sob os vieses e olhares distintos dos povos indígenas Apinayé, das quebradeiras de coco e da produção industrial (a saber: carvão e óleo vegetal), descritos e detalhados anteriormente. Visa-se, portanto, com este artigo atender as prioridades, no âmbito do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), bem como demonstrar que o APL do coco babaçu, possui uma relação direta com área de tecnologias para o desenvolvimento sustentável, conforme preceitua o artigo 6º da Portaria nº 1.122, de 03.2020, alterada pela portaria nº 1.329, de 27.03.2020.

## **2. *Percurso metodológico da pesquisa***

Compreende-se que a Análise do Discurso é uma prática da linguística no campo da comunicação, que consiste em analisar a estrutura de um texto e a partir disto compreender as construções ideológicas presentes em sua tecitura (Cf.FIORIN, 1990).

Destaca-se ainda que o discurso em si é uma construção linguística atrelada ao contexto social no qual o texto é desenvolvido, conforme Gregolin (1995). E por isso, as ideologias presentes em um discurso são diretamente determinadas pelo contexto político-social em que vive o seu autor. Mais que uma análise textual, a Análise do Discurso é uma análise contextual da estrutura discursiva vivenciada.

Metodologicamente, para apresentar a conceituação do Arranjo Produtivo Local do coco babaçu, utilizou-se a revisão de literatura, com o objetivo de: a) Compreensão sobre a importância do coco babaçu para os povos apinayé; b) Discussão da produtividade junto à indústria c) Análise dos discursos das quebradeiras de coco sobre a temática.

Buscou-se na pesquisa bibliográfica, a compreensão de fatos e resolução de problemas por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as contribuições científicas, consoante aos detalhes propostos por Galliano (1999).

Em suma, trata-se de uma pesquisa realizada por meio dos fomentos disponibilizados pelo Edital nº 9/2022, considerando-se a seleção de Projetos de Pesquisa Aplicada em Arranjos Produtivos Locais (PAP/APL), e que neste caso específico direcionou-se para essa cadeia produtiva, no município de Araguatins e entorno, no período de julho de 2022 a maio de 2023.

### **3. *Trabalhando o conceito de arranjo produtivo local (apl)***

Preliminarmente, conforme Castro (2003), apresenta-se o conceito de Arranjos Produtivos Locais (APLs), que são aglomerações de empresas e empreendimentos, localizados em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva, algum tipo de governança e mantêm vínculos de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais, tais como: governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa.

No tocante ao Arranjo Produtivo Local do coco babaçu, pode-se aprofundar o conceito de APL que segundo Cassiolato e Lastres (2003), destacam-se como aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais – com foco em um conjunto específico de atividades econômicas – que apresentam vínculos mesmo que incipientes. Geralmente envolvem a participação e a interação de empresas – que podem ser desde produtoras de bens e serviços finais até fornecedoras de insumos e

equipamentos, prestadoras de consultoria e serviços, comercializadoras, clientes, entre outros – e suas variadas formas de representação e associação.

Vale destacar, consoante a Kawasaki (1997), que não é papel da universidade dar retornos imediatos ou resolver os problemas sociais, mas cabe a ela formar quadros críticos, ou seja, profissionais com competência técnica, científica e social, para o enfrentamento dos desafios e impasses postos pela sociedade, e assim, compreende-se o papel do IFTO neste contexto, auxiliar a comunidade a desenvolver-se com sustentabilidade (SEN, 2000).

Em Araguatins-TO, quanto aos APLs, evidencia-se a agricultura familiar e o extrativismo vegetal que é força para a economia, devido o grande número de assentamentos de reforma agrária existentes. Assim, as políticas agrícolas e de economia para esse APL devem objetivar e estimular alternativas que viabilizem a sustentabilidade social, econômica, ambiental e cultural das famílias dos pequenos produtores das comunidades rurais (Cf. LASTRES; CASSIOLATO, 1998).

#### **4. O espaço geográfico: o bico do papagaio**

A localização geográfica da microrregião do Bico do Papagaio no norte do Tocantins remete a um espaço de lutas por reforma agrária, por emancipação social e anseio por investimentos em desenvolvimento regional.

E assim, em função de acontecimentos históricos pela ocupação e direito à terra, a população da região continuou a se organizar transformando os municípios que formam o território do Bico do Papagaio numa das regiões do Estado com o maior poder de mobilização e de articulação, capaz de enfrentar as situações adversas, não somente do ponto de vista das organizações da sociedade civil e também na organização da produção. Resultando num capital social que ainda insistem em melhorias no processo de desenvolvimento do território (Cf. SOUZA, 2009).

O extrativismo é a principal realidade para o coco babaçu. Destaca-se que o babaçu está presente em 11 estados brasileiros, distribuídos em 279 municípios com uma abrangência de 13 a 18 milhões de hectares e com diversas potencialidades de exploração do babaçu como atividade econômica (Cf. DESER, 2007). Segundo Barros (2012), no Bico do

Papagaio, no estado do Tocantins, apesar da adequada organização empresarial da Tobasa Bioindustrial, verifica-se que boa parte da produção ainda é realizada de forma primitiva (manual) pelas famílias extrativistas, sejam as quebradeiras ou os indígenas, sendo esta a principal renda de muitas destas famílias. Além do desenvolvimento econômico dessas famílias extrativistas, o APL do babaçu tem ajudando a promover o equilíbrio econômico regional.

Desenvolver agentes para essa consciência ambiental e demonstração da verdadeira função do extrativismo do coco babaçu é essencial. Evidencia-se que o APL do babaçu gera diversos produtos e subprodutos e ajuda na subsistência de famílias que vivem do extrativismo, diminuindo assim o êxodo rural e colaborando para a conservação do meio ambiente.

Apesar da queda da produção do babaçu devido ao êxodo de várias famílias esta ainda é uma cadeia muito influente, devido a sua importância econômica, social e cultural. Da mesma forma, que apresenta grande relevância para a identidade e cultura do povo Apinayé. A produção industrial mais aprimorada fica a cargo da Tobasa Bioindustrial, nas nuances também do desenvolvimento e geração de emprego e renda (Cf. CARRAZZA; ÁVILA; SILVA, 2012).

##### **5. *As perspectivas do apl do babaçu: uma análise discursiva***

Analisando-se os discursos, nota-se que ao longo do século XX, o trabalho das quebradeiras do coco babaçu é tradicional em parte do Piauí, no Maranhão, norte do Goiás e Pará. Destaque que na década de 1980, surge o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MI-QCB), em defesa dos babaçuais e da posse da terra.

Viveram como protagonistas as mulheres, que começaram a se reunir em clubes de mães e reuniões das mulheres das comunidades rurais, porque a participação feminina em sindicatos era proibida na época (Cf. BOLONHÊS, SILVEIRA, ABREU, 2013).

Merecem destaque a organização dessas mulheres nos municípios de Esperantina-TO e São Miguel do Tocantins-TO, conforme figura 1 que segue:

Figura 1: Quebradeiras de coco.



Fonte: Rocha (2006).

Neste espaço de conflitos, essas agentes (mulheres) lutavam contra o impedimento dos proprietários de terras que proibiam ou dificultavam a atividade de coleta e de quebra do coco, cercando as palmeiras que estavam em suas terras ou derrubando as mesmas (Cf. ROCHA, 2006).

Quanto aos indígenas, vale a caracterização que o povo apinayé são pertencentes ao tronco Macro-Jê e à família linguística Jê. Esta etnia habita o Estado do Tocantins, no entorno do 1 município de Tocantinópolis, possuindo população de 2.498 habitantes (Cf. DSEI, 2020), distribuídos por 24 aldeias (Cf. SEDUC, 2020), distante 550 km da capital Palmas-TO. Evidencia-se que a Fundação Nacional do Índio (Cf. FUNAI, 2015) aponta o babaçu como uma espécie da biodiversidade que tem importância fundamental na manutenção do modo de vida e da cultura Apinayé.

Até porque ela promove a geração de renda e a ampliação das fontes de alimentação, conforme destacam Silva e Albuquerque (2021). De forma que alguns projetos são construídos para promover o resgate de conhecimentos tradicionais sobre os usos e costumes associados ao babaçu, o fortalecimento cultural, a discussão sobre o manejo sustentável dessa espécie e a gestão ambiental na terra indígena Apinayé, consoante ao evidenciado por Silva (2022), bem como na produção de artesanato a partir dos produtos naturais que possuem no seu entorno, consoante ao observado na figura 2:

Figura 2: Os apinayé e o coco babaçu.



Fonte: PEMPXÀ (2017).

No tocante à produção de carvão e óleo vegetal do babaçu, destaca-

se que a Tobasa Bioindustrial de Babaçu S/A é uma empresa brasileira, localizada na cidade de Tocantinópolis-TO, pioneira no desenvolvimento de tecnologias e processos para o extrativismo florestal e o aproveitamento integral do coco de babaçu, a qual gera “economia circular” e “soluções sustentáveis” para diversos setores da indústria. A Companhia contempla em seu parque industrial – com 175.000 m<sup>2</sup> de área total – a maior fábrica de carvão ativado de coco da América Latina (Cf. TOBASA, 2016), de acordo com a figura 3 que segue:

Figura 3: Empresa Tobasa.



Fonte: Tobasa (2016).

Comercialmente, o babaçu é uma palmeira de grande importância econômica, pois de seu coco se extrai óleo, farinha de mesocarpo e sabonete, produtos cujos processos de industrialização estão em constante aprimoramento pelos cientistas, face ao discurso de prosperidade e o oportunidades no setor.

## **6. Considerações finais**

Conclui-se que os Arranjos Produtivos Locais (APLs) são aglomerações de empresas e empreendimentos, localizados em um mesmo território, que apresentam especialização para desenvolvimento dos agentes envolvidos, como no caso do coco babaçu no norte do estado do Tocantins, na região denominada Bico do Papagaio.

Notou-se quanto aos Quanto à relevância das quebraadeiras de coco, faz-se necessário compreender o papel exercido pelas mulheres, inclusive com uma pluralidade de grupos de vivenciam de maneira distintas a relação com o extrativismo.

Compreendeu-se que é massiva a interação dos povos Apinayé com a sociedade, até mesmo no ato de materializar e capitalizar recursos, e isso ocorre, na relação com o extrativismo do babaçu.

Por fim, quanto ao discurso da empresa TOBASA, vê-se que ocorre a inovação no desenvolvimento da cadeia de suprimento e no aproveitamento integral do coco de babaçu, que envolve desde a quebra, a cata e a coleta do fruto até o processamento tecnológico de seus produtos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Valderiza. Projetos de Desenvolvimento e Quebradeiras de Coco Babaçu. *Anais do I Seminário de Desenvolvimento Regional*, Estado e Sociedade, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://unuhos.pedagogem.com.br/revista/rbeur> Acesso em: 27fev2022.

BOLONHÊS, Alice Cristófaró; OLIVEIRAS, Pedro Sonego de; ABREU, Kate Dayana. *Relatório de Pesquisa – Projeto Conexão Local “Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco”*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2013. Disponível em: <https://pesquisa-eaes.pgv.br/>. Acesso em: 9 mar2022.

CARRAZZA, L. R.; ÁVILA, J. C. C.; SILVA, M. L. *Manual Tecnológico de Aproveitamento Integral do Fruto e da Folha do Babaçu (Attalea spp.)*. Brasília. 2012.

CASTRO, A. M. G. *Cadeia produtiva e prospecção tecnológica como ferramentas para a gestão da competitividade*. Brasília: Embrapa, 2003.

CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. *Globalização e inovação localizada: Experiências de Sistemas Locais no Mercosul*. Brasília: IBICT/IEL, 2009.

FIORIN, J. L. Tendências da análise do discurso. *Estudos Linguísticos*, v. 19, p. 173-9, 1990.

GALLIANO, A. G. *O método científico: teoria e prática*. São Paulo: Harbra, 1999.

GREGOLIN, M. R. F. V. Análise do Discurso: Conceitos e Aplicações. *ALFA. Revista de Linguística*, v. 39, p. 13-22, 1995.

KAWASAKI, C. S. Universidades Públicas e Sociedade: uma parceria necessária. *Revista da Faculdade de Educação*. Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 23, n.1/2, p. 239-257, 1997.

LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E. *Globalização e inovação localizada*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.



PARREIRA, Luiz Eduardo. *Negócios solidários em cadeias produtivas: protagonismo coletivo e desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: IPEA: ANPEC: Fundação Banco do Brasil, 2007.

ROCHA, Maria Regina Teixeira da. A Luta das mulheres quebradeiras de coco babaçu, pela libertação do coco preso e pela posse da terra. In: VII Congresso Latino Americano de Sociologia Rural, *Anais...* Quito, 2006. Disponível em: <http://www.alasru.org/wp-content/uploads/2011/> Acesso em: 4mar2022.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. Trad. de Laura Teixeira Motta. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, P. H. G. da; ALBUQUERQUE, F. E. As relações identitárias do povo Apinayé: um estudo a partir dos antropônimos. *Revista Linguística (Online)*, 2021.

SILVA, P. H. G. da. *Uma proposta de Projeto Político Pedagógico para as Escolas Estaduais Indígenas Mätyk e Tekator: contribuições para uma educação escolar Apinayé Bilíngue e Intercultural*. Tese (Doutorado do Programa de Pós-graduação em Letras – Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) – Campus Araguaína. Araguaína-TO, fevereiro de 2022.

SOUZA, Isa Fernandes. *Análise do distanciamento entre a Escola Agro-técnica Federal de Araguaína e os assentamentos do Bico do Papagaio*. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) – Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ, 2009. 115f.

#### Outras fontes:

DESER. Departamento de Estudos Sócio Econômicos Rurais. *A cadeia produtiva do babaçu: estudo exploratório*. Curitiba. 2007.

DSEI/TO. Distrito Sanitário Especial Indígena do Estado do Tocantins do ano de 2020. Atenção à Saúde dos Povos Indígenas – Caracterização e Estágio da Implantação dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas. Disponível em: <http://www.bvsde.paho.org/bvsapi>. Acesso em: 06mar 2022 (2016).

FUNAI. Fundação Nacional do Índio. 2015. Povo Apinayé (TO) investe no coco babaçu para fomentar o etnodesenvolvimento. Disponível em <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/3488>, Acesso

em 01fev2022.

MCTIC. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Portaria nº 1.122, de 19.03.2020. Define as prioridades, no âmbito do (MCTIC), no que se refere a projetos de pesquisa, de desenvolvimento de tecnologias e inovações, para o período 2020 a 2023.

PEMPXÀ. (2017) – Associação União das Aldeias Apinajé (PEMPXÀ). Manifesto do povo Apinajé. Disponível em: <http://uniaodasaldeiasapinaje.blogspot.com.br>. Acesso em: 25 jan. 2022.

SEDUC. Secretaria de Educação do Estado do Tocantins. Gerência de Desenvolvimento da Educação Indígena do Estado do Tocantins no ano de 2020. Disponível em: <http://seduc.to.edu.br/educacaoindigena> Acesso em: 20jan2022.

TOBASA. Tobasa Bioindustrial de Babaçu S/A. Ações Socioambientais. 2016. Disponível em: <https://www.tobasa.com.br>.